



DOSSIÊ



## **Meninos negros vão ao cinema**

Inovações nas representações  
cinematográficas como reinvenção das  
estéticas negras

Marco Aurélio CORREA, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

---

A intenção desse texto é propor reflexões que possam ajudar a ressignificar a posição social imposta aos meninos negros de marginalidade. Dentro das escolas, essas marginalizações acompanham os meninos negros que tem as suas identidades sempre desafiadas por estes estigmas de bagunceiros, desinteressados e incapazes ocasionando a descrença de professoras e professores em suas capacidades, possibilitando assim o fracasso escolar. O objetivo deste texto é denunciar e criticar estas abordagens sobre os meninos negros, mas também ressaltar a sua pluralidade como indivíduos múltiplos e heterogêneos entre si, rompendo assim com esta homogeneização que os subjuga como pequenos marginais ou então como incompetentes. Mostrando o cinema como forte artefato para se questionar representações históricas calcadas no racismo, propondo uma outra pedagogia para estas abordagens sobre os meninos negros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meninos Negros. Representação. Cinema. Educação.

---



## **Introdução**

A intenção desse texto é propor reflexões que possam ajudar a ressignificar a posição social imposta aos meninos negros de marginalidade. Quando não são vistos como uma ameaça a segurança pessoal e particular como pivetes, pixotes e trombadinhas, os meninos negros são tidos como um marginal em potencial, um bandido em formação. Dentro das escolas, essas marginalizações acompanham os meninos negros que tem as suas identidades sempre desafiadas por estes estigmas de bagunceiros, desinteressados e incapazes ocasionando a descrença de professoras e professores em suas capacidades, possibilitando assim o fracasso escolar.

O objetivo deste texto é denunciar e criticar estas abordagens sobre os meninos negros, mas também ressaltar a sua pluralidade como indivíduos múltiplos e heterogêneos entre si, rompendo assim com esta homogeneização que os subjuga como pequenos marginais ou então como incompetentes.

Parto destas considerações a partir principalmente da posição de homem negro professor dos primeiros anos da educação básica (infantil e primeiros anos do fundamental) espaço ocupado majoritariamente por mulheres, principalmente por mulheres negras, já que o prestígio da docência no ensino superior ainda fica com os brancos.

Apesar de existir um grande contingente de professoras negras na educação da infância isso não se torna uma garantia que a questão do racismo seja tratada de forma combativa e conscientizadora. Infelizmente o déficit muitas vezes acontece desde a formação de professores, que torna a questão racial como um tema sem a devida importância. As vezes dedicando ao tema uma suposta transversalidade sem abordá-lo especificamente em nenhuma disciplina, mas também sem se aprofundar nas suas problemáticas.

Felizmente nas últimas décadas vamos encontrando mudanças nesses paradigmas, a questão racial se torna uma verdade cada vez mais indiscutível pelo grande aumento da presença de negras e negros nos cursos superiores, pela necessidades destes novos ingressantes da universidade de se compreenderem como sujeitos sociais, diferentes da universalidade do branco e da democracia racial, e principalmente por iniciativas não governamentais de instituições e indivíduos que buscam uma formação alternativa aos currículos oficiais, participando de formações, rodas de conversa, eventos culturais e demais tipos de



atividades que questionam o suposto sistema estável da questão racial brasileira.

As universidades e os demais centros de formação de professores para se manterem atuais seguem e precisam seguir cada vez mais esse movimento para se atualizarem as novas demandas exigidas pela população negra. Este movimento identitário não se limita somente a questão racial, mas sim de criticar o sistema patriarcal em que vivemos, onde o homem branco é o sujeito mais privilegiado, subjugando as outras diferenças de raça, gênero e sexualidade. Considerando também outras categorias como instrução, posição social, religião, cultura, idade, dentre outras.

Desta forma cresce cada vez mais uma produção teórica sobre masculinidades de uma forma geral, abrangendo maior o caso do homem negro jovem e/ou adulto, abordando questões sobre a sexualidade, violência, dominação do patriarcado. Existe uma crescente produção acadêmica que vem trabalhando com as masculinidades negras em outras perspectivas. Autores como Rolf Malungo Souza (2013), Osmundo Pinho (2004), Waldemir Rosa (2006), Deivison Nkosi Faustino (2014), Henrique Restier (2018) e muitos outros vem trazendo contundentes questionamentos para uma outra abordagem das masculinidades negras nos estudos acadêmicos.

Tais autores são pioneiros em lidar com as masculinidades negras de uma forma a não considera-las como uma categoria universal homogênea, percebendo as nuances e as subjetividades que estão envolvidas na constituição de cada uma delas, reforçando assim que os homens negros, apesar de estereotipados e homogeneizados, são uma categoria plural, heterogênea e diversa que se desdobram dentro de muitas estéticas e expressões.

Porém, para a elaboração deste texto, quando fui atrás de produções acadêmicas e teóricas que assumissem a questão da infância negra, principalmente dos meninos negros encontrei uma grande dificuldade de achar autores negros que abordassem tais questões. Este enfoque é feito em grande maioria por mulheres, com destaque para professoras brancas com relação a educação básica.

Não que acredito que deva haver uma exclusividade para os homens negros para falar sobre meninos negros, isso seria cair no mesmo erro do essencialismo e da homogeneização do racismo, mas sim ressaltar que talvez as produções de homens negros possam contribuir



para esta discussão teórica, já que foram os mesmos que sofreram na própria pele os efeitos do racismo na infância e em sua escolarização. A participação dos homens negros nos estudos da infância são uma forma também de retirar a masculinidade negra do local da animalidade, do bruto, já que os homens negros também possuem a sensibilidade e a leveza que a infância carrega.

Existe um grande tabu da presença de homens na educação infantil em geral, principalmente com os homens negros que são vistos além de como possíveis ameaças a segurança das crianças, mas também como uma ameaça a sua inocência, devido ao estigma social da sexualidade animal do homem negro. Então, o cuidar necessário da educação infantil não estaria reservado para homens, principalmente para os negros. É mais uma forma de desconsideração da capacidade do homem negro de agir como um protetor, como um provedor, como fonte de carinho e afetividade, como acontece com a questão da paternidade, que é uma questão bem delicada para os homens negros, devido as condições sociais e históricas que fazem que muitos acabem deixando suas mulheres (negras) de lado criando uma massa de mães (negras) solteiras. Como foi o caso da propaganda do Boticário do dia dos pais do ano passado que gerou um grande rebuliço quando usou um personagem negro para representar a figura da paternidade. Como se homens negros não pudessem ser bons pais e nem pudessem receber respeito por isto.

Esta forma de representação também é um campo de debate e batalha nos estudos das relações étnico raciais, as infâncias negras sofrem também com estas representações rasas e preconceituosas em muitas mídias, principalmente o cinema. De figuras de canto das telas sem falas, sem enredos e sem importância até aos estereótipos de pivetes e trombadinhas, os meninos negros sofrem com um histórico racismo imagético nas produções audiovisuais mundiais. Iremos no decorrer deste texto elencar algumas destas, mas daremos maior ênfase a produções que buscam reverter esse cenário, principalmente das produções de diretoras e diretores negros, já que o campo da autoria e da criação é um espaço destinado majoritariamente para homens brancos e só da figura masculina estar atrás da criação artística já é uma forma de questionar e subverter a hegemonia de imagens que vivemos.

A intenção deste artigo é questionar e criticar estes paradigmas que inserem o menino negro no campo do homogêneo, podando as suas possibilidades de vivência do passado, existência no presente e potência no futuro.



## Representações nos cinemas negros das diásporas

Como amplamente é discutido por muitos teóricos de cinema e estudiosos das estéticas e subjetividades nas imagens, sons e narrativas do audiovisual existe um amplo e histórico conjunto de representações das pessoas negras no cinema de forma rasa, pejorativa e preconceituosa (ARAUJO, 2006; DIAWARA, 2004; CARVALHO, 2005).

Esta subjugação no cinema se dá pela continuidade do sistema colonial que inferioriza e recusa a humanidade para negras e negros como forma de justificar a escravização e todo o aparato econômico, político e social do colonialismo e dos sistemas que o deram sequência. Não nos cabe aqui ilustrar todas as formas de racismo presente no cinema, mas podemos resumir que desde o nascimento de Hollywood, passando pelas revoluções no terceiro cinema na década de 1960 até a consolidação do modelo de blockbuster atual encontramos representações racistas para personagens e para a população negra. Principalmente quando falamos de crianças negras.

Focando nossas análises para o caso dos meninos negros, encontramos um legado de representações que fazem jus aos estereótipos sociais criados para estes grupos étnicos e identitários. Ou seja, os meninos negros são marginalizados nas telas de cinema do mesmo jeito que são marginalizados nas ruas de nossas sociedades pós escravocratas.

Analisando o contexto brasileiro, podemos perceber em dois momentos diferentes da cinematografia brasileira em que se dão estas representações pejorativas. Muitas delas acabam passando sem querer, quase que despropositais, relacionando a inovação da realidade com a permanência de estereótipos nas representações.

No cinema novo, movimento cinematográfico dos anos 1960 que buscou no Brasil por uma forma de se fazer cinema mais voltada as questões populares da época, os cineastas que compuseram tal vanguarda se preocuparam com as questões sociais das classes populares e marginais do Brasil, tendo assim as parcelas negras em seus filmes encontrados certos “protagonismos”. Apesar de ao tornar presente estas questões nestes filmes, como forma de denúncia e crítica, os cineastas deste movimento (todos eles brancos) representavam somente a imagem



marginalizada da pobreza, sem propor uma emancipação destes papéis sociais impostos.

No caso do filme *Rio 40 graus* (1955; direção: Nelson Pereira dos Santos) as crianças negras que aparecem no filme recebem um destaque especial no enredo, mostrando quase que documentalmente as espertezas de seus cotidianos para conseguirem arranjar seu sustento. Porém, estes personagens muitas vezes aparecem sem profundidade, sem voz, como se fossem meros seres a serem observados, sentir condolências. O que no momento foi uma ação inovadora dos cineastas, mas não representava a devida subjetividade da infância de meninos negros. Os meninos negros não falam por si, sua voz não é definitivamente ouvida, então apesar do espanto e da empatia, sua situação não muda. É a estética da fome.

Na contemporaneidade, vemos que a fórmula se repete, atualizada mas com motes similares. No cinema da retomada brasileira, movimento de retorno ao crescimento as produções nacionais após anos de austeridade neoliberal, o cinema brasileiro começa a retornar suas lentes para as vidas e cotidianos daqueles menos favorecidos e as crianças cada vez mais tem vez. *Central do Brasil* (1999; direção: Walter Salles) é o maior exemplo.



**Os meninos de *Rio 40 graus***

Pensando nos meninos negros, o filme *Cidade de Deus* (2002; direção: Fernando Meirelles e Katia Lund) é o filme que dá sequência a



esse legado controverso das representações masculinas da infância negra. Apesar de desta vez dar mais profundidade aos personagens negros da trama (o elenco do filme é majoritariamente composto por atores negros ainda não profissionais), ainda permanecem estereótipos relacionados a marginalidade infantil. Como vemos com o personagem Dadinho, o futuro Zé Pequeno, no prólogo do filme, mais uma vez a história envolve a criminalidade e a ausência de oportunidades para estes jovens recém realocados na comunidade da Cidade de Deus. Existe muito mais do que somente isso em Cidade de Deus, porém percebemos que o mote central do filme é o crime organizado do narcotráfico, será que todos os filmes realizados por diretores brancos sobre a vida na periferia só podem lidar com estas questões? E os meninos que não entraram pro tráfico? E a subjetividade e psique destas crianças? Existem outros Buscapés nas favelas e comunidades? É esta ruptura que pretendo encontrar nos filmes que citarei aqui.



**Dadinho em *Cidade de Deus***

O primeiro filme que trago para o debate é *Moonlight* (2016; direção: Barry Jenkins) grande vencedor do Oscar de 2017, o filme é uma reinvenção dos estereótipos criados para o homem negro. O enredo do filme se resume em aspectos da vida de um homem negro em três etapas de sua vida na periferia: infância, adolescência e vida adulta. Focando a análise somente ao primeiro terço, sobre a infância, percebemos que o filme lida de forma muito mais profunda a subjetividade masculina, tanto no papel da criança protagonista, que questiona a sua posição como homem em uma sociedade imposta pelo machismo e pelo racismo, através da figura de sua referência masculina, seu parente um outro



homem negro que subverte o papel do homem negro marginalizado, mostrando a existência de sentimentos e de cuidado de homens negros para seus pequenos semelhantes. *Moonlight* é um filme inovador não somente por lidar com a questão da sexualidade, mas também por mostrar diversas nuances da subjetividade dos homens negros.

A direção por uma pessoa negra é um dos grandes fatores que pode proporcionar uma outra abordagem das representações negras no cinema. Não pelo essencialismo, mas por sentirem na pele a dor do racismo os homens negros atrás das câmeras serão aqueles que poderão criar uma outra estética que combata e subverta o racismo imagético.

O continente africano tem uma grande diversidade de nações que produzem conteúdos audiovisuais que ressignificam estas representações negras no cinema. Podemos citar os filmes *Le jeu* (1988; direção: Abderrahmane Sissako), *Keita, O Legado do Griot* (1996; direção: Dani Kouyaté), *Yaaba* (1989; direção: Idrissa Ouedraogo); *Abouna* (2002; direção: Mahamat Saleh Haroun); *O Herói* (2004; direção: Zeze Gamboa) dentre outros, todos eles apresentam representações complexas para os meninos negros, todos eles protagonistas de suas narrativas e buscando aprofundar as questões sobre o que é ser um menino negro na África e em sua diáspora. Comentamos também na diáspora o filme *Sugar Cane Alley* (1983; Euzhan Palcy) dirigido por uma mulher negra protagonizando um menino negro.



**Bila, o menino protagonista de *Yaaba* (1989)**



Encontramos também dentre os diretores brancos filmes que protagonizam crianças negras no continente africano, como o caso dos filmes: *Kiriku e a feiticeira* (1998; direção: Michel Ocelot); *Na cidade vazia* (2004; direção: Maria João Ganga); *Beast of no nation* (2015; direção: Cary Fukunaga) que também contribuem tanto para o estudo das masculinidades como para o protagonismo negro nestes filmes.

Cito estes filmes para afirmar que existe uma extensa produção na diáspora africana de representações que fujam dos estereótipos que comumente vemos em filmes comerciais ou então não preocupados por uma outra imagem para os meninos negros. Cada um destes filmes pode ser usado para fazer uma análise mais aprofundada e direcionada para algum questionamento específico da infância negra e de como sua posição se encontra no mundo social.

Aproveito um pequeno adendo para elencar alguns filmes que lidem com a infância feminina negra, mostrando que as meninas negras também são bem representadas e ressignificadas por cineastas negras pela diáspora. Cito então: *Crooklyn* (1994; direção: Spike Lee); *Eve's bayou* (1997; direção: Kasi Lemmons); *A pequena vendedora de sol* (1998; direção: Djibril Diop Mambéty); *Mooladé* (2004; direção: Ousmane Sembébe), *Eu não sou uma bruxa* (2017; direção: Rungano Nyoni) dentre outras.

## Possibilidades pedagógicas

Focarei neste momento na análise de três filmes brasileiros dirigidos por homens negros e protagonizando crianças negras como forma de aprofundar um pouco mais sobre de que forma se dão estas ressignificações e como elas nestes filmes podem ser usados em sala de aula como forma de questionar e impulsionar os discentes a pensar diferente sobre as relações de raça e gênero na infância. Estas possibilidades pedagógicas estarão divididas em três segmentos da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

O primeiro artefato audiovisual é a série *Nana & Nilo*<sup>1</sup> organizada pelo autor Renato Noguera, a série desenvolvida inicialmente para os livros para didáticos tomou uma proporção tão grande que os livros se adaptaram para um série de vídeos disponibilizados tanto em

---

<sup>1</sup> Canal da série no Youtube, fonte: <https://www.youtube.com/channel/UChFFCMI17bTg1HYMqQRG2Vg> Acesso em 30/01/2019.



mídia física do DVD como em plataformas digitais como o Youtube. A narrativa da série trata das aventuras de Nana e Nilo dois irmãos que junto com seus amigos vão descobrindo sobre outras culturas e sobre a natureza. Nilo, o menino da dupla é uma referência para se pensar os meninos negros como curiosos, como interessados pelo saber de novas descobertas. Em suas aventuras Nilo está constantemente questionando e se divertindo com as sociedades que visita, aprendendo com as formas em que elas se ligam com o meio ambiente, e pensando sempre de que forma ele pode ajudar a cuidar da natureza que nos cerca, parte imprescindível para nossa existência. Nana & Nilo para a educação infantil pode incitar nas crianças a curiosidade das descobertas com o outro e com o meio ambiente através de uma referência masculina e infantil mas em relação com outros gêneros, idades e etnias.



**Nana e Nilo com seu Baobá companheiro.**

Para o ensino fundamental o curta metragem *Lá do Alto*<sup>2</sup> (2017; direção: Luciano Vidigal) trata da relação entre uma família de homens negros, pai e duas crianças que lidam a vida de sua maneira. O menino protagonista do filme é um garoto de óculos que com seu jeito introspectivo observa a vida de seus familiares e sente a falta de sua vó, recém falecida. Com a provocação de seu irmão, o menino mais novo tenta chegar ao mais próximo do céu para ter contato com sua vó, mas o menino acaba se perdendo nas matas da comunidade do Vidigal para desespero de seu pai. O menino finalmente consegue chegar lá no alto, perto do céu, mas não encontra sua vó como esperava, neste momento o pai encontra as duas crianças no pico do Morro Dois Irmãos e fica extasiado e aliviado de encontrar seus entes queridos. O filme tem uma gama de assuntos que podem ser tratados nas diferentes séries do ensino fundamental, a composição social das favelas e comunidades, a geografia

<sup>2</sup> Link do filme, fonte: <https://vimeo.com/201205979> Acesso em: 30/01/2019.



natural e urbana da cidade do Rio de Janeiro, mas principalmente pode lidar com a masculinidade nas famílias negras e também o sonho e o desejo das crianças negras de terem contato com seus sentimentos.



### **Os sonhos de Lá do alto.**

O último filme a ser trabalhado aqui é *O Jogo3* (2018; direção: Clementino Junior) produzido pelo Cineclube Atlântico Negro. *O Jogo* é uma adaptação de *Le Jeu* de Sissako, citado anteriormente. O filme, apesar de não dedicar protagonismo somente a um menino negro, que divide com seu pai e sua mãe, mostra um pouco da vida das crianças nas comunidades com o medo e os riscos oferecidos pela guerra do narcotráfico. O pai do menino protagonista é um policial que ainda mora na comunidade e precisa lidar com toda a controvérsia disso, a mãe é uma mulher que sofre um constante medo de perder seu marido e perder o pai de seu filho. O filme lida com questões muito atuais além da guerra sustentada pelo estado de forma pífia contra o narcotráfico, fala sobre a paternidade mais uma vez, da vida nas comunidades, das brincadeiras das crianças dentro desse cenário de guerra e sobre a presença das igrejas neopentecostais neste campo aberto. Por tais subjetividades e tensões na narrativa, o jogo é um filme que pode ser usado com profundidade por turmas do ensino médio para discutir questões citadas anteriormente, mas também para fazer uma reflexão do que é a vida nas comunidades em geral, além da sombra do narcotráfico.

---

3 Link do filme, fonte: <https://vimeo.com/247126419> Acesso: 30/01/2019.



**O jogo nas comunidades marginalizadas**

## **Concluindo**

Percebemos assim que a infância negra é bem mais complexa e plural do que comumente esperamos, principalmente para os meninos negros que são estigmatizados com o estereótipo da marginalização. Com este breve texto pretendi aprofundar estes questionamentos sobre a socialização dos meninos negros dando um posicionamento social, político e estético sobre a sua persona. Evitando cair em dicotomias, controversas e falácias sobre tal delicada temática.

O cinema não é mera representação do real, mas é uma criação originada a partir dele, por isso que em sociedades com um legado racista, existem representações no cinema e em diferentes formas de artes que dão continuidade à estas formas de preconceitos e discriminação. Partindo da posição de homens negros, outrora meninos, que sentiram na pele a dor do racismo, podemos ressignificar e reinventar o que é ser um menino negro. Fugindo e rompendo com estas subjugações apresentadas aqui.

Os filmes analisados com maior detalhamento estão todos disponíveis, até então, para acesso online que podem possibilitar o uso e distribuição entre professores, educadores e outros profissionais interessados em mudar este paradigma que vivemos. Ao invés de semearmos o ódio para nossas pequenas crianças, devemos semear o



sonho e a esperança, para colhermos assim frutos que não estraguem ainda nos próprios pés.

## Referências

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista USP**, São Paulo. 2006.

HOOKS, bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(3): 406, setembro-dezembro/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 10.639**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

DIWARA, Manthia. O Espectador Negro – Questões acerca da Identificação e Resistência (Black Spectatorship: Problems of Identification and Resistance). Tradução: Heitor Augusto. **Film Theory and Criticism – Introductory Readings**. 6ª edição. New York. Oxford University Press, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cad. Pagu**, Campinas n. 22, p. 247-290, June 2004.

CARVALHO, Noel dos Santos. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. In: Jeferson De. (Org.). **Dogma Feijoado o Cinema Negro brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005, v. 1, p. 17-101.

CARVALHO, Noel dos Santos. O Produtor e o Cineasta Zózimo Bulbul – O Inventor do Cinema Negro brasileiro. **Revista Crioula**, n. 12, 1 nov. 2012.

FANON, Frantz. **Condenados da terra**, Tradução: José Laurênio Mello, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FAUSTINO, Deivison Nkosi. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos**



para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104. 2014.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. **Revista Latitude**. V. 10, n. 2. 2016.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Revista Democracia Viva** n. 22, p. 64-69, jun /jul 2004.

RESTIER, Henrique. **Como é ser um homem negro no Brasil?** Justificando. 03 Jul 2017a.

RESTIER, Henrique. **O mal-estar da masculinidade negra contemporânea**. Justificando. 16 ago 2017b.

RESTIER, Henrique. **Por que tenho orgulho de ser um homem negro?** Justificando. 18 jan 2018.

RODRIGUES, José Carlos. **O Negro Brasileiro e o Cinema**. 3. ed: Pallas, 2011.

ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII – Gênero e Preconceitos, 2006, Florianópolis. **Anais Fazendo Gênero VII**. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 1. p. 1-7, 2006.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Revista Antropolítica**, n.34, p. 35-52, 2013.



## Black boys go to the cinema: innovations in cinematographic representations as reinvention of black aesthetics

**ABSTRACT:** The intention of this text is to propose reflections that may help to redefine the social position imposed on marginalized black boys. Within schools, these marginalizations accompany the black boys whose disciplines are their identities always challenged by these disinterested, disinterested stigmata, leading to teachers' disbelief in their abilities, thus enabling school failure. The aim of this paper is to denounce and criticize these approaches about black boys, but also to emphasize their plurality as multiple and heterogeneous individuals, thus breaking with this homogenization that subjugates them as small marginals or as incompetent. Showing cinema as a strong artifact to question historical representations based on racism, proposing another pedagogy for these approaches about black boys.

**KEYWORDS:** Black Boys.Representation.Cinema.Education.

**Marco Aurélio CORREA**

*Pedagogo formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Educador e pesquisador sobre as intercessões entre o cinema negro e o ensino das relações étnico-raciais. Publica textos em periódicos acadêmicos, revistas de comunicação e literárias. Participou da produção dos filmes Jali, Pequena África e Paredes da UERJ.*